

**11/1/1985**

**"Empresários temem pressões"**

por Margareth Miyazaki

de Brasília

Se nos próximos dias os empresários não se reunirem à mesa de negociação com os trabalhadores rurais das regiões em greve Guariba, Barrinha, São Joaquim da Barra, Sertãozinho e Jaboticabal a consequência da manifestação poderá ser "explosiva", podendo paralisar — devido a saques — as atividades urbanas das regiões em questão. E, ao que tudo indica, a categoria patronal não está disposta a negociar, "por não ver bem a formação do novo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba com o apoio da Central Única dos Trabalhadores (CUT), vinculada ao PT", e inevitavelmente os patrões seriam pressionados a readmitir os trezes trabalhadores rurais que pretendem compor a diretoria dessa nova entidade.

Esse comentário é de uma fonte da Subdelegacia Regional do Trabalho de Ribeirão Preto. De acordo com ele, Guariba tem de 4 mil a 5 mil trabalhadores rurais, portanto "comporta a criação de um novo sindicato". Entretanto, o fato político de ligação da nova entidade com o PT e a Pastoral da Terra dividiu a categoria de ruralistas, colocando de outro lado a Federação dos Trabalhadores Agrícolas do Estado de São Paulo (Fetaesp), que encampou o interesse reivindicatório dos trabalhadores. A atuação da Fetaesp concentra-se na região de Barrinha.

Toda a movimentação grevista começou em Guariba, em represália à dispensa de treze dos dezesseis membros da diretoria do sindicato em formação. Excluindo-se esse caso específico de Guariba, as reivindicações dos trabalhadores das demais áreas são as mesmas. Ao todo são seis reivindicações unificadas: aumento da diária de Cr\$ 10 mil para Cr\$ 20 mil, estabilidade no emprego, pagamento dos dias paralisados durante a greve, atendimento médico nas usinas e nas fazendas onde residem, igualdades salariais para as mulheres e garantia de serviço aos trabalhadores rurais com mais de 50 anos de idade.

**(Página 5)**